

J. Carlos e os Primeiros Personagens Infantis das HQ Brasileiras *

**Athos Eichler Cardoso

Sumário:

O fato de que a proverbial falta de memória brasileira tenha dado a ilusão de que os quadrinhos brasileiros foram criados com a intervenção de desenhistas geniais como *Ziraldo* e *Mauricio de Souza* precisa ser reavaliado quando se comemora os 100 anos de fundação do *O Tico-Tico* em 11 de outubro de 1905. Nele pela mão bendita de *J Carlos* foram desenhados entre 1905 e 1907, e posteriormente, com o regresso da colaboração dele entre 1923-193, os fantásticos *Juquinha*, *Jujuba*, *Borboleta* e *Lamparina* coadjuvados pelos não menos interessantes *Gury*, *Carrapicho*, *Cartola* e *Goiabada*.

É de se ressaltar que o discriminado *Gury*, antes de uma série de outros, é o primeiro personagem negro dos quadrinhos brasileiros.

Palavras chaves: quadrinhos, JCarlos, Tico-Tico.

Introdução

A onda dos *enfants terribles*, garotos que pelo comportamento junto aos familiares ou a comunidade dão origem a inúmeros incidentes humorísticos ou tragicômicos, ainda não refluíu no imenso oceano da HQ Mundial. Para encurtar uma longa história, a tradição iniciada por *Max* e *Moritz*, os sádicos alemãezinhos de *Wilhelm Busch*, ainda continua cada vez mais violenta e escatológica com os quatro personagens infantis do desenho animado *South Park* que, como os congêneres *Beavis e Butt-head* e *Os Simpsons*, aparecem nas páginas dos *comic books* e gibis brasileiros. Mas, desses meninos terríveis, os que mais influenciaram os quadrinhos brasileiros nasceram nos Estados Unidos e chamavam-se *Buster Brown* e *Little Nemo*.

Em maio de 1902, *Richard F. Outcault* publicou *Buster Brown* no *New York Herald* onde a série continuou a ser editada até 31 de dezembro de 1905. Depois, passou para o *New York Journal* onde seria reprisada a partir de 14 de janeiro de 1906 e só sairia de circulação por falta de interesse, em 1926. Até então, *Buster Brown*, filho de uma rica família de New York, vestido de marinheiro como as crianças do início do século XX, uma moda universal que se estendeu até os anos 40 tivera um grande sucesso com sua imagem comercializada em produtos que variavam de vestuários infantis a marcas de *whisky*.

A influência de *Buster* no Brasil foi primeira e a mais importante porque seus desenhos decalcados passaram a ser veiculadas pela única revista infantil existente na época, *O Tico-Tico* – fundada em 11 de outubro de 1905. *Buster Brown* denominado de *Chiquinho* e adaptado às nuances de nossa cultura da *belle époque*, popularizou-se de imediato e quando foi criado o personagem *Benjamin*, um menino negro tipicamente brasileiro, acabou por nacionalizar-se definitivamente. Tal foi a antropofagia e a integração por parte de *Loureiro* que as desenhava que *As aventuras de Chiquinho*, só em 1955 por ocasião dos 50 anos de *O Tico-Tico*, que os leitores brasileiros inteiraram-se da origem alienígena da série.

Little Nemo, inspirado no filho de *Winston McCay* o criador da fabulosa série *Little Nemo em Slumberland*, começou a ser publicado em 15 de outubro de 1905, no jornal *New York Herald*. Foi, e permanece sendo até hoje, o mais sofisticado dos heróis infantis. *Nemo* é um garoto cujos sonhos fantasiosos levam-no às aventuras mais incríveis, às viagens mais

extravagantes, que culminam em situações de suspense e acabam invariavelmente inconclusas quando acorda.

McCay é dono de um traço de estilo preciso, limpo e refinado com que desenha cenários baseados nos estilos barroco e *art nouveau*, considerados os mais artísticos até hoje. A criatividade sofisticada abrange, também, o uso de cores, planos, angulações e enquadramento dos desenhos com especial atenção ao contraste e proporções de algumas figuras, criando um clima bizarro. *McCay* influenciou em maior ou menor grau, conscientemente ou não, o nosso melhor desenhista da primeira metade deste século: *J. Carlos*.

Já *Juquinha*, embora pareça a primeira vista uma cópia abasileirada do *Chiquinho* –este, um *Buster Brown* puro nos primeiros 15 anos de vida– é apenas uma vítima das circunstâncias de sua época o que não impede de se tornar o principal heróis de quadrinhos brasileiros, desde o advento do *Tico-Tico*, até o afastamento de *J. Carlos* da revista no final de 1907.

J. Carlos

Se no panorama da HQ brasileira no século XIX a figura dominante é a do genial *Angelo Agostini* que, com *‘As Aventuras de Nhô Quim’* (1869) e *‘As Aventuras de Zé Caipora’* (1883), coloca-se no panteão dos mestres da *9 Arte* ao lado de *Rodolf Tôpffer* e *Wilhelm Busch*, no século XX é *J. Carlos* quem ocupa esse espaço.

José Carlos de Brito Cunha, ou melhor, *J. Carlos*, nasceu no Rio de Janeiro, na Praia do Botafogo, em 18 de junho de 1884. Morou na Gávea durante longo tempo e começou a sua vida artística em 1902, com 18 anos de idade, desenhando para a revista *O Tagarela*. Em 1903 já assinava as capas da publicação e a partir daí desenvolveu um ritmo de trabalho surpreendente, colaborando nas principais revistas brasileiras: *O Malho*, *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana*, *Para todos* e *O Cruzeiro*. Em determinada época, além das capas, oito ou dez desenhos por semana, de três das mais famosas, eram seus e ainda colaboração na imprensa do Rio e São Paulo.

Dentro do seu estilo caricato e de temática humorística, quer pela qualidade ou quantidade, sua obra não foi igualada até o final de século. Faleceu em 2 de outubro de 1950, com 66 anos.

Além da criação de vários personagens de quadrinhos, acompanhando as tendências mundiais, foi o criador genial das primeiras “*pin-up girls*” brasileiras, representadas nas figuras nacionalmente conhecidas das suas melindrosas.

A iniciação de *J. Carlos*, como desenhista de quadrinhos, foi na revista *O Tico-Tico*.

Nas páginas desse semanário, apresentou os seus principais heróis de quadrinhos. As crianças foram *Juquinha*, *Giby*, *Jujuba*, *Borboleta* e *Lamparina* e os adultos, *Carrapicho*, *Cartola* e *Goiabada*.

O desconhecimento generalizado desses primeiros personagens brasileiros dos quadrinhos, a maioria raramente ou nunca reproduzida até o advento dos 100 anos da fundação da revista que vem sendo comemorado desde o anos passado e as análises mal documentadas que conduzem a erros e dúvidas diversa são explicados, em parte, pela dificuldade de encontrar e mesmo consultar as coleções de *O Tico-Tico*. Hoje, apesar da criação de um site especial sobre a revista até o momento em que finalizamos esse trabalho quase tão inacessíveis quanto os heróis que publicava.

Reparar esses enganos, registrar novas informações, resgatar e apresentar ao público universitário, em suma popularizá-los e facilitar ao eminente desenhista *Loredano* que está planejando uma edição com esses heróis só agora vislumbrados, completando uma vasta

bibliografia iconográfica sobre J CARLOS, destacando entre eles os dois primeiros, *Juquinha* e *Giby* é o objetivo desse trabalho.

Montando o Juquinha.

A primeira impressão, de que *Juquinha* é uma mera copia abraileirada de *Buster Brown*, pode conduzir o leitor a um lamentável engano.

Juquinha é verdade, tem semelhanças com *Buster Brown*, na idade, na classe social, nos tipos de brincadeiras, e, principalmente, no modelo da roupa de marinheiro.

Mas essas semelhanças tem uma justificativa lógica que vamos abordar a seguir.

Meninos não crescem todos de maneira suave e uniforme e os três estágios da infância são atemporais e universais. Segundo alguns estudiosos o primeiro estágio vai dos nascimento aos seis anos. O segundo, inclui o período que vai dos seis aos quatorze anos e é o que nos interessa pois ele abrange a faixa etária dos heróis aqui tratados. Todos eles, *Juquinha*, *Gury*, *Jujuba*, *Borboleta* e *Lamparina*, estão um pouco mais, um pouco menos na mesma faixa etária de *Chiquinho*. O comportamento deles não poderiam ser muito diferentes do herói americano.

Nesse período, os meninos começam a querer a ser homens e se voltam cada vez mais para o pai, com quem procuram partilhar interesses e atividades, embora a mãe continue muito envolvida e o mundo exterior também exerça atração. O objetivo desse período é criar competência e habilidade, desenvolvendo ao mesmo tempo e afabilidade e bom humor para que ele se torne um pessoa equilibrada. Esta é a idade em que o menino se sente feliz e seguro com a sua masculinidade.

Como os pais daquela época eram em geral sisudos e em geral ignoravam os filhos, é explicado as brincadeiras das crianças que procuravam chamar a atenção deles, em campanhas intensivas de ações agressivas na escola e no lar e desenvolvendo vários problemas de comportamento que só visavam atrair a atenção dos pais.

Por outro lado, a mãe ainda é muito importante, e como adultos é provável que o menino de rua *Borboleta*, o órfão *Jujuba*, e a praticamente adotada *Lamparina* podem ficar como adultos emocionalmente tolhidos.

Mas, o que interessa aqui é que *J Carlos* assim como *Outcault* não poderiam fugir ao padrão criado por *Busch* e escolher a idade dos seus heróis infantis fora dessa faixa etária.

Quanto a roupa de marinheiro, um fenômeno duradouro da moda infantil do final do século XIX até os anos 40 do século XX não foi possível encontrar uma base científica antropológica, ou sociológica, referente ao uso universal desse uniforme nas crianças que abrangeu desde os filhos do Tzar Alexandre da Rússia do final do século XIX até este modesto filho da classe média brasileira flagrado numa foto de mão dada com a mãe na Rua da Praia, em Porto Alegre, muito orgulhoso nos seus seis anos de idade envergando uma farda azul, calça comprida completa de marinheiro. Posso imaginar apenas que seja reflexo das esquadras que representavam na época o poder marítimo das grandes nações e o elitismo dos quadros de oficiais desta Força. Mesmo assim, o modelo usado por *juquinha* difere um pouco nas calças, compridas e colante para o primeiro, curtas e bufantes para o segundo.

As diferenças fisionômicas são maiores devido ao cabelo que é curto e preto em *Juquinha* e no tipo pagem e louro em *Buster Brown*. As caras e bocas de *Juquinha* são mais expressivas que as do similar americano.

A primeira impressão, de que *Juquinha* é uma mera cópia abasileirada de *Buster Brown*, pode conduzir o leitor a um lamentável engano. Ainda sublinhando este aspecto vamos dedicar-lhe mais argumentação.

Montando o Juquinha

Nota-se, desde o primeiro número do Tico-Tico, que um mal estar disfarçado, preocupava a criatividade dos desenhistas nacionais. Como profissionais experientes, eles eram muito observadores do que acontecia não só na sociedade e na imprensa brasileira como em todo o mundo. Observando os suplementos coloridos de quadrinhos das edições domingueiras dos jornais americanos e as revistas francesas infantis, bem como os jornais ingleses do gênero eles notaram que os personagens existentes nesse tipo de imprensa eram sempre os mesmos, o que não acontecia no Brasil que se fixara somente em Chiquinho, uma mera cópia em papel de seda. Esta situação desperta o desejo dos desenhistas de criar um herói brasileiro. Nesse sentido nota-se perfeitamente as tentativas de Rocha, Gil, Vasco Lima com personagens mal trabalhados, sem personalidade e que mudam de nome em cada edição. Por demais atarefados no seu trabalho no O Malho, ou porque lhes faltassem persistência ou interesse maior nesse empreendimento não conseguem criar um personagem marcante.

Tal não acontece com J Carlos que embasado no seu trabalho de publicidade em que publica inúmeros desenhos preto e branco de crianças no Malho *quase sempre usando o* tradicional traje marinheiro. Começa a burilar um personagem para o Tico-tico.

Esse personagem, já havia se materializado, em parte, na sua primeira HQ colorida, sem palavras, no número de lançamento da revista. Avança na sua segunda história, incolor, no segundo número². Adquire mais personalidade na história de Ary, quando o cuja roupa parece muito com a de Juquinha. Outra história A Vingança de Gága segue o mesmo ritmo, roupa de marinheiro, personagem menino e brincalhão. Essas pequenas mutações não impedem que ele consiga materializar o seu personagem a quem denomina de Juquinha. Um diminutivo de Juca, apelido originado de José..

Há, é preciso ressaltar, em Juquinha, um toque herdado da arte nova tanto na personagem e na sua mise en scene como na decoração e o cenário em que ele se movimenta. O Rio e Juquinha não podemos esquecer, é o Rio da belle époque, voltado para os últimos figurinos, a última moda de costumes, última novidade francesa trazida pelos que desembarcavam dos navios que chegavam da França.

A arte nova, este estilo decorativo, exagerado e assimétrico, foi um rebento do simbolismo com raízes

J. Carlos, não se deixa cair na vala comum denominando a série de peripécias bem ou mal sucedidas a que submeteria o seu personagem, de aventuras ou desventuras. Prefere intitulá-las O Talento de Juquinha, Talento no caso, é a aptidão natural, a habilidade adquirida ou engenho. Juquinha era extremamente inteligente para armar suas peças com peripécias e estranhos fosse qual fosse o resultado delas.

O Talento de Juquinha, embora acompanhado pelo número II como sugerindo um segunda apresentação foi apresentado pela primeira vez no número 21 do Tico-Tico em 28 de fevereiro de 1906. A história era carnavalesca e J Carlos talvez para criar um certo mistério em torno do personagem, fantasiou-o da cabeça aos pés de Pierrot, deixando suas feições desconhecidas.

O talento do Juquinha, ocupava uma folha completa das poucas páginas coloridas apresentadas pela revista. As traquinagens do garoto brasileiro de classe média alta eram condensadas em um único painel e um número variado de quadros, não ultrapassando

quatro ou cinco por folha. As peripécias mais longas apresentadas em continuação, uma página por edição d' *O Tico-Tico*, como foi o caso da história intitulada *Proezas de Bicicletas* que descrevia os incidentes provocado por Juquinha nas ruas da cidade pedalando o veículo a toda velocidade e atropelando pessoas, comerciantes nas calçadas.

A temática universal baseava-se na vivência dos meninos urbanos que, sem televisão e computador, davam largas a imaginação, divertindo-se com brinquedos improvisados e travessuras ardilosas, cujo alvo eram parentes, serviçais, animais, utensílios, decoração caseira e membros da comunidade. Os títulos específicos de cada narrativa da série dão uma idéia geral dessa temática: *O retrato do Visconde, O Sapó, O Bicho Papão, O sono da vovó, Juquinha e o piano, O taverneiro*.

A data que *Juquinha* desapareceu das páginas de “*O Tico-Tico*”, foi 25 de dezembro de 1907 mas o certo é que o carisma e a popularidade do personagem deram origem a uma revista independente fundada em 1912 : *O Juquinha*, onde *J. Carlos* colaborou de 1912 a 1913. A capa d' *O Tico-Tico* n 83, de 8 de maio de 1907, com uma ilustração intitulada o aniversário do Juquinha comprovou-lhe mas uma vez o prestígio. Uma quadrinha acompanhava o desenho que apresentava uma festa de criança:

Juquinha meus amiguinhos

O traquina refinado

Fez anos no dia 5

E foi muito festejado

Juquinha foi publicado pela primeira vez uma no antes, em 5 de maio de 1906. é certo que rivalizou-se com *Chiquinho* pois o traço, a composição e a temática, nas mãos de *J. Carlos*, eram mais elaborados dos que as de seu “primo” e companheiro de revista. Foi, também, uma HQ nacional desde o início

Giby

O primeiro herói negro das HQ brasileiras nasceu *O Tico-Tico* n 106, de 16 de outubro 1907, 19 anos depois da abolição. *J. Carlos*, deu-lhe o nome de *Giby*, que hoje em dia, gravado com *i* no final, designa, de modo genérico, as revistas em quadrinhos no Brasil e certamente, na época, *moleque ,negrinho*, como consta nos dicionários atuais.

A apresentação de *Giby* é feita em um painel na capa do *Tico-Tico*, na série *O Talento do Juquinha* a história que ali se inicia denomina-se *A Ignorância do Giby* apresentada em seqüência nas capas das revistas publicadas em 16, 23 e 30 de outubro de 1907. Vale a pena explicá-la em alguns detalhes para que, dentro do contexto da época, possamos sentir mesmo partindo do doce *J Carlos*, um certo preconceito contra os nossos compatriotas afro-brasileiros.

O cenário da história mostra em primeiro plano, à esquerda *Giby* e a sua direita *Juquinha*. Ao fundo, no canto direito da sala acha-se encostada uma grande mesa, coberta por uma toalha e sobre a qual se encontra uma grande bacia de material não identificado, podendo ser de madeira ou louça. Na mesma parede, logo adiante uma janela, em cujo balaustre encontra-se dependurada uma toalha, provavelmente de enxugar louça. Da janela avista-se uma paisagem bucólica em que predomina o verde de uma árvore e de arbustos diversos. O ambiente é o da chácara dos pais de *Juquinha*. Compõe o restante do mobiliário, dentro do que é possível ver no nosso ângulo de visão, uma cadeira de couro marchetada. O chão é de tabuas corridas. É evidente que se trata da sala de uma casa de campo.

Giby é um negro retinto de cujo corpo só aparece a cabeça, parte do pescoço e os braços pouco acima do cotovelo. Ele aparentemente deve ser um adolescente, de 15 a 16 anos, muito alto e magro. Uma estatura que é quase o dobro da de Juquinha.

J Carlos desenha-o de forma caricata. A cabeça é oval, com grandes orelhas, lábios vermelhos extremamente grossos que ocupam lado a lado a parte inferior do rosto e que deixam entrever um sorriso alvar de dentes muito brancos e regulares. Os olhos são dois x brancos, cortados ao meio por um traço negro fino. No meio desses traços, dois pequenos pontos representando as pupilas. Os braços são longos e esqueléticos, as mãos grandes com dedos compridos. Ele veste uma blusa amarela com pontos verdes, arregaçadas até um pouco acima dos cotovelos. Sobre ela uma jaqueta vermelha. Sua calças são azuis e está calçado com botina recoberta com polainas verdes claras. Em punha uma vassoura tradicional de palha. Juquinha veste uma de suas roupas de marinheiro toda azul. Embaixo desse quadro, existe o seguinte texto:

Há poucos dias Juquinha entrando desencabresteadamente pela sala da copa, estacou surpreendido deante do moleque mais preto que até hoje tem visto.

Era um copeiro novo, que entrara para o serviço da casa.

Juquinha não pode deixar de rir. Fitou resoluto o moleque e, ainda em sorrisos ,perguntou:

- O Giby! Como te chamas?

- Izidoro Carneiro, sim sinhô.

- Carneiro...preto...considerou Juquinha.

Há de ser burro por força.

No painel da semana seguinte, composto de dois quadros, *Juquinha* autoritário, dizendo tratar-se de uma brincadeira, manda o negro sentar-se no respaldo da cadeira e dando-lhe uma vara de pesca e mergulhando a linha numa tigela com água, no chão da copa. Coloca-lhe na cabeça, uma cesta de vime com alça a guiza de chapéu Diz-lhe para fingir que está pescando e que voltaria dentro em pouco fingindo-se de guarda e que fariam o simulacro de uma discussão. Ele retira-se da sala.

Na semana seguinte, num quadro único, o último da história, *Juquinha* volta com a mãe a quem informara que *Giby* parecia um pateta. Dona Laura vai verificar a situação e encontra *Giby*, repimpado sobre as costas da cadeira, esperando atento que algum peixe, conforme *Juquinha* afirmara existir, aparecesse na tigela cheia de água.

O *Giby* foi asperamente repreendido.

Em *Giby e a Vovó*, *Juquinha* tem a paciência de fazer um longo colar de contas que manda *Giby* entregar a vovó dizendo que era o rosário dela que estava em baixo da cama. A idosa, distraída começa a dedilhá-lo por longo tempo até que descobre a a brincadeira e ralha com o copeiro.

Na história intitulada *O cinematographo* quando voltam da Avenida Central onde haviam assistido fitas novas alvo de comentários ardorosos de ambos, *Juquinha* improvisa uma tela com um lençol e atrás dele coloca um lampeão, *Giby*, como um perfeito macaco, foi pular, gritar e cantar atrás do lençol. *Juquinha*, como sempre, encarapintado em cima de uma mesa, ria as bandeiras despregadas.

Na história *O Cabeça de boião*, *Juquinha* pinta uma caratonha num bujão e a coloca na cabeça do copeiro, sobre ela uma cartola e manda que o negro fique imóvel na calçada. *Juquinha* se diverte com a surpresa dos transeuntes ao avistarem a situação ridícula de *Gury*.

Somente uma vez, em *Um susto uma corrida* é que Jinha dentro de um saco vermelho, aos pulos, fazendo o papel de alma mal assombrada persegue o copeiro assustado por toda a chácara até que sem enxergar direito cai em um lago.

Quando da reaparição de *Juquinha*, que até então estivera estudando na *Bélgica* com um professor francês, na revista homônima, quatro anos depois, *Giby* apresenta-se com o mesmo tipo físico, mas *J Carlos* imprime nele mais vivacidade nos olhos. Agora veste um uniforme semelhante a de porteiro ou carregador de hotel: jaqueta vermelha com gola e punhos amarelos, que ostenta duas carreiras de ter botões dourados cada. Suas calças são verde bandeira com listas quadriculadas pretas. Botinas marrons. Na cabeça um gorro cônico truncado vermelho.

Juquinha tem um novo visual tanto físico como de traje. A roupa de marinheiro foi abandonada. Usa uma camiseta de manga comprida branca com listas horizontais vermelhas e calças azuis. Não usa nada na cabeça. É o personagem mais importante da revista, assina editoriais, promove concursos.

Em vez de *O talento do Juquinha* a série de aventuras se intitula agora *Juquinha e suas proezas*. Como no Tico-Tico lugar na maioria das vezes na capa, onde aparece também em alegorias de carnaval, cinzas, e outros acontecimentos importantes.

Uma terceira personagem junta-se a série, a professora inglesa *Miss Shocking*, uma velhota circunspeta, fisionomia patibular, óculos retangulares, cabelo louro preso num coque, chapeuzinho de palha com uma fita preta, blusa amarela de colarinho alto, gravata preta, largo cinto marrom, saia justa até as canelas, amarela quadriculadas com linhas pretas.

A sisuda velhota, naturalmente é uma das vítimas da dupla, agora com um relacionamento mais cúmplice. Grande novidade *J Carlos* já usa, além do texto debaixo dos quadrinhos de sempre, aqui e ali, pequenas frases e interjeições com ou sem balões oriundas das falas dos personagens.

Evidente que há implicações preconceituosas e racistas nesses quadrinhos quanto ao *Giby* desenhados em 1907, amainados no período 192-13, quando examinados hoje em dia, mas é necessário remeter a sua leitura ao contexto da época. O autoritarismo de *Juquinha* e o servilismo de *Giby* é uma consequência de uma situação criada pelo sistema escravagista que se encerrara apenas 18 anos atrás. no racial é preciso olhar sobre o contexto da época e o estilo caricato do desenho do personagem.

O período áureo

Vinte e um anos depois da criação de *Juquinha*, *J. Carlos*, agora com 44 anos, é um desenhista maduro e no apogeu da carreira. O Rio que ele habita no final da década de 20 é de um Brasil ainda mais rural que urbano. Nessa cidade maravilhosa a transição do campo para a urbe é bem acentuada. Na periferia e mesmo avançado para o interior da cidade existiam trechos de terreno com vegetação natural, convivendo como o conjunto arquitetônico de chalés, pequenos edifícios e sobrados, chácaras com jardins e pomares. Separados por muros de alvenaria, cercas de tábuas, aramado lisos ou até sem nenhum limite visível, esses terrenos baldios, que davam para fundos de quintais, eram atravessados por córregos ainda livres de poluição. Nessa terra de ninguém pastavam animais de tração, algum gado, esgueiravam-se animais agrestes de pequeno porte. Os charcos escondiam uma infinidade de rãs. Aqui e ali era possível encontrar árvores frutíferas de diversos tipos e pequenas concentrações de bananeiras. Nesses subúrbios esverdeados e serenos, raramente perturbados pelo rugir de motores ou o trepidar de bondes elétricos, uma classe média

convivia, dignamente, de modo pacífico com os remediados e os pobres de sempre, apesar das crises do café e da política.

É nesse cenário, paradisíaco em comparação com os tempos atuais, que J. Carlos situa, a partir de 1919 até os anos 30, um elenco de personagens interligados por pequenas tramas, ancoradas principalmente nas travessuras das crianças ou nas aventuras insensatas e nos conflitos, sem maiores conseqüências, dos adultos. Os incidentes, nessas historietas, envolvem relacionamentos humanos, como a cobrança de dívidas, a ganância dos pequenos comerciantes, a esperteza do freguês, pequenos golpes e rixas entre vizinhos. Porém o grande objeto de desejo é representado por frutas de todos os matizes, cheiros, formas e sabores que despertam a gula de todos. A maior autoridade é o guarda civil, acima mesmo dos pais que costumavam surrar os filhos arteiros. Os cobradores, os ladrões de galinhas, ovos ou frutas, o português da venda, representam os papéis de vilões, geralmente de uma maldade ingênua como os tempos ali retratados.

Nesse tempo Lampião domina o cangaço, o *Zeppelin* faz viagens periódicas ao Rio, o *Jahu* corta os céus do atlântico Sul, *Tom Mix* e *Carlitos* são os grandes heróis da criançada.

J. Carlos, inspirado poeticamente por esse ambiente tropical, manso, multicolor, cria uma dimensão mágica pela estrutura e pelo colorido nos cenários das histórias. Utiliza com generosidade a forma das frutas, flores, folhas e pássaros, ampliando-lhes o tamanho, conseguindo um contraste com a normalidade do meio ambiente. Empregando as cores básicas com propriedade e audácia, obtém efeitos visuais sem retirar a simplicidade dos objetos, dando-lhes majestade e importância. *J. Carlos* aderiu, de certa maneira, ao modernismo de 1922.

Ainda que vagamente, nota-se no traço preciso dos personagens infantis e na glorificação de certos frutos, árvores, folhas e aves, a influência de *Winston McCay*, mas sem dúvida, esse período representa o melhor estilo pessoal.

Foi no bucolismo urbano de então que *J. Carlos* criou a figura doce de *Jujuba* e pouco depois a de *Borboleta*, nome que por si só representa um estado de espírito. Os personagens adultos, *Carrapicho*, *Cartola* e *Goiabada*, são também desse período que termina com a criação da endiabrada *Lamparina*, uma “*enfant terrible*” por excelência.

Jujuba e Carrapicho

Em 17 de dezembro de 1919, *J. Carlos* apresenta ao público o seu principal personagem de quadrinhos, tomando por critério tanto a qualidade como a duração. O garoto, que aparece ao lado do pai na série *Carrapicho e seu filho Jujuba*, iria tornar-se, ao lado da melindrosa, uma das mais representativas marcas de *J. Carlos*, aparecendo em quase todas as HQ e muitas capas de *O tico-tico*.

Jujuba, nome de uma bala de goma, açucarada, suave e sofisticada lembra outra figura famosa, o *Little Nemo*, das histórias de *McCay* de quem *J. Carlos* profundo admirador e só nessa vaga lembrança, fica a semelhança. Bem diferente de *Juquinha*, o novo herói de *J. Carlos*. Não existe na iconografia da HQ infantil figura semelhante. Tudo nele é pessoal e único, embora traçado com uma extrema economia de linhas, o que facilita sua descrição física nesse trabalho.

Jujuba é um garoto na faixa dos dez anos de idade, esbelto e bem proporcionado. Usa sapatos e calças curtas brancas, meias soquetes e camisetas de manga curta vermelhas. O amplo chapéu de palha amarelo deixa escapar, no centro da testa e ao lado das orelhas, três madeixas negras retorcidas. Os traços fisionômicos, combinando com as linhas elegantes do corpo, mostram, no rosto redondo, um diminuto nariz arrebitado e olhos vivos,

representados por dois pequenos pontos negros marcados com precisão. A postura de Jujuba é sempre correta ele se movimenta de maneira graciosa e decidida. Seu sorriso, muitas vezes esfusiante, é atestado permanente de sua alegria de viver. Mas, sua principal característica é o chapéu. Abas largas e copa bicuda, longe ou perto, identificam o portador aos olhos dos leitores. Mais do que peça de vestuário, é um símbolo. Visto de qualquer ângulo, um penancho que demonstra a energia e o brio de *Jujuba*.

A personalidade do herói criado por *J. Carlos* não é a de um “*enfant terrible*” qualquer. É mestre em traquinagens mas é também um ser sensível. Dono de um coração bondoso e solidário. Seu caráter, apesar da idade e do comportamento adequado, é suficientemente íntegro para dar lições de moral até no próprio pai. Acima de tudo, *Jujuba* é menino valente e *J. Carlos* faz questão de mostrar essa qualidade em suas historietas.

O pai de *Jujuba*, evidentemente um viúvo, é baseado em Carlitos, muito admirado por *J. Carlos* que costumava estilizá-lo nas ilustrações e vinhetas não só no *O Tico-Tico*. Magro, rosto estreito, sobrancelhas e bigode, paletó fraque, colete, gravata, chapéu coco, bengala, quase tudo é Chapliniano nesse herói calvo que ao longo do tempo vai deixando de usar as roupas do astro do cinema, adquirindo mais personalidade. O que o não abandona é a fama de mau pegador, de iletrado, de farrista e negociador escuso. Ele, como Goiabada, serve de suporte para as várias travessuras de *Jujuba* e *Lamparina* ou para as implicâncias de Cartola quando frequentavam a mesma página o personagem marcou, sem ele as HQ de *Jujuba* não seriam as mesmas.
Cartola e Borboleta

Em 18 de outubro de 1922, no número 889 d’ *O Tico-Tico*, *J. Carlos* lança dois heróis, destinados a tornarem-se também clássicos da HQ brasileira que vão contracenar com *Carrapicho* e *Jujuba* numa série independente denominada “*Era uma vez o Cartola e o Borboleta*”. Essa dupla, composta como a anterior de um adulto e uma criança, é de outro nível social, reproduzindo o que de mais pobre havia na sociedade urbana brasileira da década de 20. Se *Carrapicho* representava uma personagem de baixa burguesia, muitas vezes endividado, mas com moradia, roupa e alimentação dignas para si e o filho, Cartola era o vagabundo sem teto e *Borboleta*, o *menino de rua*. Habitavam um barraco improvisado num terreno baldio, vestiam-se com roupa velha e alimentavam-se parcamente. *Borboleta*, que usava um grande boné, baseava-se no filme “*O Garoto (The Kid)*”, produzido e estrelado por *Charles Chaplin*, com *Jackie Coogan* no papel do menino abandonado. O filme, com grande sucesso junto ao público mundial, fora lançado no ano anterior.

A primeira aparição da dupla foi modesta. Tratava-se de um único quadro, em preto e branco, que ocupava um terço da página interna. Num cenário de terreno baldio, onde se observava em primeiro plano latas de lixo e mais ao longe varal de roupa, deu-se o encontro entre duplas sob o título: *Cartola e Borboleta versus Jujuba e Carrapicho*. Abaixo, o diálogo:

Carrapicho - Está vendo Jujuba? Eu não quero que te metas com aquela gente.

Cartola - Aquele é que é o tal Carrapicho. Você Borboleta foge daquele pessoal que cheira a biscoito.

O Cartum não tem assinatura.

No número seguinte de *O Tico-Tico*, em 25 de outubro a segunda aparição da dupla ainda em preto e branco, é, agora, em meia página de seis quadrinhos e com o título oficial: *Era uma vez o Cartola e o Borboleta*. A historieta é assinada por *Mindinho*. Finalmente, *O Tico-Tico* número 893, de 16 de novembro de 1922, a história, composta de seis quadrinhos, ocupa página inteira colorida, apresentação que seria permanente.

“*Era uma vez...*” atesta a sensibilidade de *J. Carlos* com os menos favorecidos e retrata um toque de humor, até negro, suas dificuldades. Da antipatia inicial e mútua desconfiança os quatro passam a conviver pacificamente embora mantenham um clima de permanente rivalidade nas peças que pregam entre si e quando não se unem, principalmente, as crianças contra terceiros.

Goiabada

Quando *J. Carlos* acelera a sua colaboração n’ *O Tico-Tico*, produzindo as capas da revista e dos almanaques e aumentando a produção das historietas, além de entrosar, pelo menos nas capas, *Chiquinho*, *Benjamin*, *Carlitos* e outros personagens desenhados no seu estilo elegante, cria também uma série de meros figurantes, que uma vez ou outra, retornam as fabulações de *Jujuba* no papel de um guarda civil, de quitandeiro, lavadeira ou até na pele de um animal doméstico: cão, papagaio, burro. *Goiabada*, um deles, vizinho de *Carrapicho*, acabou conquistando espaço, passou de coadjuvante e protagonista de algumas historietas.

Talvez para criar com *Carrapicho* uma dupla semelhante à do *Gordo e o Magro*, comediantes de *Hollywood* de muito sucesso na época, *J. Carlos* criou o obeso *Goiabada* que usa um chapeuzinho de feltro e coletes azuis, camisa branca quadriculada de vermelho e calça xadrez preto e branco. O gordo de óculos é o inventor fracassado, o golpista sempre derrotado pelo vizinho *Carrapicho*, seu companheiro de farras e aventuras. É também uma das vítimas preferidas da dupla *Jujuba* e *Lamparina*.

A especulação de que *Goiabada* tenha sido criado como mais um sustentáculo a publicidade dos produtos da *Fabrica Peixe* que começou a patrocinar a última capa do *Tico-Tico* com os desenhos de *J. Carlos* que tinham como tema a goiabada enlatada não deixa de ter razão de ser.

Lamparina

Na série *O grande vôo do Bahu*, uma homenagem do nacionalista fervoroso *J. Carlos* aos heróis da aviação brasileira que realizaram a travessia do Atlântico Sul num bimotor batizado *Jahu*, o artista vai apresentar ao público, ainda que anônima e mera figurante, a negrinha *Lamparina*, sua última criação do gênero em “*O Tico-Tico*”.

Lamparina, que muitos pensam ser do sexo masculino, é na realidade uma menina impúbere com cerca de dez anos, que vinda de uma ilha distante integra-se oficialmente ao elenco de personagens d’ *O Tico-Tico* em 25 de abril de 1928. O fato de ser confundida com um menino deve-se a reduzida tanga amarela estampada com bolas pretas que lhe deixa nu o busto ainda sem características femininas. O cabelo curto encarapinhado, o corpinho magro e desengonçado e seu temperamento irrequieto dão-lhe, no mínimo, um aspecto andrógino.

Inicialmente, estranha em terra estranha, a menina revela-se uma fujona incorrigível, provavelmente tentando achar o impossível caminho de volta para casa. Alguns críticos citam *Lamparina* como uma criada doméstica na casa de *Carrapicho*. Na realidade ela está entre uma agregada ou membro adotado da família. Embora queiram fazer dela uma empregada, encarregada de pequenos serviços e até ela própria se propor a esse papel, as tentativas revelam-se sempre negativas, porque além de irresponsável,

preguiçosa, medrosa e desatenta é muito, muito desastrada. As tarefas mais simples, como encher um balde de água, dar um recado, fazer uma compra na quitanda, resultam sempre em pequenas tragédias. Em compensação, quando movida pelos instintos, revela grande iniciativa e energia inesgotável, tornando-se desportista radical, capaz de saltar de pára-quedas improvisado ou folia ardorosa, dançando os três dias de carnaval. Tudo, naturalmente, finalizando em trapalhadas.

O maior pecado de *Lamparina* é a gula que a transforma numa ladra compulsiva de mamões, pêssegos, carambolas, guabiobas e principalmente bananas dos pomares vizinhos.

Cheia de defeitos, indisciplinada a ponto de liderar uma fuga em massa de crianças de um orfanato de freiras, ela é companheira fiel, cúmplice e muitas vezes o cérebro por trás das peças que *Jujuba* prega aos demais. Entretanto ela é sentimental, manhosa, debulhando-se em lágrimas com facilidade.

Tal personalidade, ora deprimida, ora eufórica, vítima das brincadeiras dos outros ou das que própria inventa, conquistou grande número de admiradores. Para isso, contribuiu a estratégia artística de *J. Carlos* que criou para ela algumas obras primas dos quadrinhos.

Um exemplo é a série apresentada entre 17 de outubro e 26 de dezembro de 1928. Fugindo de casa, *Lamparina* consegue escapar da perseguição de *Carrapicho* e *Jujuba* para ser devorada por uma onça. Vomitada logo depois numa lagoa, refugia-se numa ilha onde é atacada por um bando de patos selvagens. Salva e recapturada, a negrinha recebe, por castigo, cumpre a missão mas, vingativa, acrescenta óleo de rícino ao alimento usado grande constrangimento aos convidados.

Uma outra historieta, Por causa de um prego, desenhada em duas páginas contínuas no *Almanaque de Tico-Tico*, 1930, projetou *Lamparina* internacionalmente. Quando *Carrapicho* fura por descuido a caixa d'água da casa com um prego e pede, desesperado, a presença de um bombeiro hidráulico para reparar o estrago, *Lamparina*, cheia de boa vontade, sai em louca disparada a procura de socorro. Nessa corrida ela procura o caminho mais curto para ao armazém de secos e molhados mais próximo, onde naquela época, encontrava-se sempre um telefone a disposição dos fregueses para chamadas de emergência. Nesse trajeto ele corta caminho por entre os quintais vizinhos, pulando cercas e deixando em pânico as aves domésticas que nele ciscavam.

Chegando arfante na venda a negrinha mal consegue balbuciar uma frase entendida como catastrófica: Chamem o bombeiro!

Depois de um certo tempo, surge no bairro, cercado por pequena multidão de curiosos e crianças, um carro dos soldados do fogo, com sua equipe completa, preocupados em localizar o sinistro.

Na afobação generalizada, o português dono da venda, entendera que o bombeiro era para apagar incêndio e não resolver problemas hidráulicos.

A cena antológica de *Lamparina*, qual uma correntista de corrida de salto de barreira, transpondo as cerca e espantando galinhas e patos, costuma ilustrar as enciclopédias de HQ e serviu para homenagear os principais heróis dos quadrinhos brasileiros numa tiragem de selos dos Correios.

A presença de *J. Carlos* no TICO_TICO, não só na revista semanal como nos Almanques onde desenhou inúmeras páginas duplas de grande sensibilidade e arte, foi vital para o sucesso do empreendimento.

Essa pesquisa o coloca e a seus personagens no devido lugar como pioneiros da mais alta qualidade da nona arte brasileira. *Juquinha, Gury, Jujuba*, não podem ser ultrapassados na memória nacional por outros bem mais recentes como Reco-Reco, Bolão e Azeitona, que ainda tem lugar no imaginário coletivo das novas gerações.

Bibliografia

Revista O TICO TICO O Malho Rio de janeiro 1905 a 1907.
O Juquinha Editora desconhecida Rio de janeiro 1912

Livro

BIDDULPH, Steve. Criando meninos. Editora Fundamento. São Paulo. 2004